

Sumário

Artigos

Copenhague: um *post-mortem* – *José Goldemberg* – A Cúpula do Clima de Copenhague realizada em dezembro de 2010 foi muito diferente da de Kyoto, em 1977, quando as partes chegaram a um raro momento de consenso que, no entanto, com o correr do tempo, revelou-se uma falsa vitória. O Protocolo de Kyoto adotou medidas que não haviam sido resultado de decisões coletivas prévias no interior dos Estados que concordaram com ele. Portanto, estava destinado ao fracasso. Em Copenhague, ocorreu o inverso: cada país já havia desenhado seu plano nacional e, por isso, seus representantes, mesmo sendo alguns chefes de governo, tinham pouca margem de manobra. Mas algumas coisas ficaram claras e definidas, como a de que os grandes países emergentes terão também de se comprometer com metas para reduzir a emissão de gases de efeito estufa. O próximo embate será no México, no final deste ano. Até lá, novas batalhas nacionais ocorrerão.

Desafios do clima no Brasil e no mundo – *Jacques Marcovitch* – A Cúpula de Copenhague foi anunciada como decisiva, mas obteve menos do que se esperava dela. Talvez seja útil questionar se não está na hora de examinar novas maneiras para construir consenso no âmbito da ONU, que não seja o habitual mecanismo das grandes conferências, especialmente quando seus objetivos seguem o modelo de “ganhar ou perder”. A Cúpula de Copenhague não foi um fracasso absoluto, como alguns meios de comunicação a descreveram. Ao *slogan* “agora ou nunca”, os líderes ali presentes responderam com “nem agora nem nunca”. Decisões finais agora são esperadas para dezembro, na COP 16. Muito terá de ser feito individualmente pelos países. O Brasil, por exemplo, avançou muito em medidas internas.

Do Rio a Copenhague, sem escala em Kyoto – *João Paulo Ribeiro Capobianco* – A COP 15 em Copenhague foi, de longe, a mais noticiada de todas as conferências mundiais sobre o clima desde a que deu origem a esse debate, no Rio em 1992. O assunto parece agora maduro para essa intensa discussão global. Além disso, a agenda que se estabeleceu para Copenhague elevou muito as expectativas da opinião pública sobre seus resultados, o que, contudo, acabou sendo um fracasso. No entanto, quando se compara o que se obteve ali com o que se havia conseguido antes, há relevantes mudanças políticas que merecem análise mais detalhada. A pressão pública extraordinária forçou a presença de chefes de governo na reunião. A geopolítica do clima se tornou explícita. Novos arranjos de países emergiram e eles podem tornar o processo de deliberação mais rápido e eficaz.

Um desafio para a governabilidade global: reflexões após a Cúpula de Copenhague – *Félix Peña* – Como forçar um consenso em assuntos relevantes da agenda global num contexto de um grande número de países com diferentes interesses, visões e possibilidades, e como fazer com que decisões tomadas nas diversas instituições internacionais sejam aplicadas à realidade e produzam os resultados esperados? Depois da COP 15 em Copenhague, ficou claro que responder a essas questões com ações é um dos maiores desafios para a governança global, especialmente quando se leva em conta o atual contexto de profundas alterações nas relações de poder entre os atores que são, ou esperam vir a ser, líderes relevantes e ativos na arena internacional.

A “Diplomacia para Resultados” vista 25 anos depois – *José Eduardo Faria* – Há 25 anos o Brasil viu chegar ao fim o ciclo do regime militar instaurado pelo golpe de 1964. Mas ainda há poucos estudos sobre o trabalho de Olavo Setubal como o primeiro ministro das Relações Exteriores do país depois da ditadura. Bem-sucedido banqueiro e empresário, político eventual, ele próprio se surpreendeu, como a maioria dos analistas, políticos e diplomatas, com sua escolha por Tancredo Neves para chefiar o Itamaraty. Sua gestão foi marcada por um profundo senso de independência e, apesar das críticas à esquerda e à direita na época, produziu um legado nada desprezível, que inclui, entre outros, os fundamentos para uma nova relação com a Argentina a qual resultaria no Mercosul, a ênfase na América Latina como tema prioritário da política externa e a adesão do país a todos os tratados de direitos humanos que a ditadura não havia reconhecido.

Brasil e Estados Unidos, uma relação em compasso de espera – *Paulo Sotero* – As promessas de uma relação mais profunda e consequente entre Brasil e EUA permanecem remotas no início do último ano do governo Lula. No bojo da crise financeira internacional, as relações bilaterais enfrentam novas complexidades, marcadas pelo relativo declínio de poder dos Estados Unidos e pela ascensão de grandes países em desenvolvimento como China, Índia e o próprio Brasil. No curto prazo, a decisão de Brasília de flertar com Teerã com o objetivo de se credenciar como mediador da antiga relação conflituosa entre o Irã e o Ocidente representa um risco de confronto com Washington, e de repetição, agora em escala mundial, do fiasco do país na crise de Honduras em 2009.

O declínio dos Estados Unidos e a emergência do Brasil: um relato pessoal sobre duas nações na era de Obama e Lula – *Kenneth Serbin* – A partir de sua experiência de família, a qual representa de forma microcós mica a relação entre Brasil e Estados Unidos, e das observações pessoais em um quarto de século de convívio íntimo com os dois países, o autor (americano, brasileiro, casado com uma brasileira e com uma filha binacional de nove anos de idade) discute a importância simbólica da Presidência de Obama como a inauguração de uma nova era pós-racial nos EUA e a emergência histórica do Brasil, sob o governo Lula, como o mais novo membro do exclusivo clube de nações com classes médias majoritárias na sua população. A crise econômica atual nos EUA enfatiza

o enfraquecimento do sistema econômico do país, enquanto o sucesso do Brasil traz renovada confiança nacional e o potencial para liderança.

A derrota da Concertación e a alternância de governo no Chile – *Carlos Huneeus* – A vitória do candidato de centro-direita na eleição presidencial chilena de janeiro de 2010 foi muito mais resultado da derrota da coalizão que estava no poder fazia 20 anos do que o triunfo da oposição. Depois de ter vencido todos os pleitos para presidente desde o fim da ditadura militar em 1990, a Concertación, de centro-esquerda, estava exaurida no poder, sem ter renovado seus líderes e quadros médios. A grande popularidade da presidenta Michelle Bachelet, em vez de ter ajudado seu candidato à sucessão, parece tê-lo prejudicado porque a opinião pública identificou os êxitos de seu governo nela individualmente, não no grupo político a que pertence. A tradição de entendimento entre governo e oposição deve se manter no governo Piñera.

A política externa dos governos Kirchner (2002-2009) – *Felipe de la Balze* – A primazia dada pelos governos de Néstor e Cristina Kirchner à política interna em detrimento da exterior deixa consequências negativas nas posições internacionais da Argentina. Algumas vezes isso ocorre em razão da retórica anti-imperialista adotada em relação aos EUA. Seria útil ao país se nos vinte meses que lhe restam de mandato, a presidenta resolvesse agir para encontrar soluções aos principais problemas externos da Argentina de modo a normalizar sua posição na arena internacional. Entre as prioridades: restaurar o crédito internacional do país, normalizar sua relação com a Europa, regularizar a relação com o Uruguai e prover os necessários investimentos para que o abastecimento de gás vindo da Bolívia se mantenha adequado.

A “diplomacia cidadã” na América Latina e no Caribe: uma atualização – *Andrés Serbin* – A América Latina e o Caribe são vistos no cenário mundial como uma rara zona de paz. Essa percepção deriva do fato de que, desde o curto conflito entre Peru e Equador em 1996, a região não assistiu a mais nenhuma guerra entre nações. No entanto, há inúmeros episódios e situações de violência interna em muitos países que, devido à atual porosidade das fronteiras nacionais, têm o potencial de se esparramar para vários Estados. Para lidar com esses desafios, é mais do que nunca importante discutir o conceito e as práticas da diplomacia cidadão nesta área do mundo. Apesar de sua relevância e da multiplicidade de iniciativas isoladas, elas ainda são incipientes e carecem de maior articulação regional.

Visões de futuro: a China e seus desafios, elementos do debate atual – *Anna Jaguaribe* – O artigo discute os parâmetros culturais e políticos para o estabelecimento de um Estado de bem-estar social na China. Seu objetivo é ilustrar os termos do debate atual na sociedade e na academia chinesas sobre o que deve constituir tal Estado. Para tanto, faz um exame dos desafios que o país enfrenta no atual contexto geopolítico de mudanças decorrentes da recente crise financeira global. O debate atual interno na China em relação a seu futuro revela uma percepção muito peculiar do processo de globalização e do papel que o país

desempenha nesse processo. Como a China vê a si própria condiciona não apenas o seu desempenho na economia global como também as perspectivas e opções da governança global.

Passagens

Zilda Arns (1934-2010), saber e sensibilidade – *José de Souza Martins* – Responsável desde 1983 pela Pastoral da Criança, que no Brasil ajudou a fazer os índices de mortalidade infantil decaírem dramaticamente desde que seus trabalhos começaram, Zilda Arns estendeu sua experiência de projeto de baixo custo, expressivos resultados e grande engajamento comunitário a diversos outros países da América Latina, do Caribe e da África. Estava justamente relatando-a em Porto Príncipe, quando morreu vítima do devastador terremoto que destruiu a capital do Haiti. Em seu meritório trabalho, que fez seu nome ser indicado ao Prêmio Nobel da Paz, ela juntou saber e sensibilidade para salvar vidas de inocentes de antemão condenadas pela pobreza e ignorância dos pais, da família e da comunidade.

Lincoln Gordon (1913-2009), o internacionalismo liberal da Guerra Fria no Brasil – *Matias Spektor* – Um dos “melhores e mais brilhantes” intelectuais recrutados por John Kennedy para seu Camelot de mil dias, Lincoln Gordon formou-se em Economia, em Harvard, e doutorou-se aos 24 anos em Oxford. A pedido do jovem presidente, foi embaixador de seu país no Rio de Janeiro, onde ligou seu nome definitivamente à história do Brasil como um dos pontos de apoio mais importantes dos militares e civis que derrubaram o governo constitucional de João Goulart, em 1964. Gordon passou o restante de sua vida tentando desmanchar essa imagem, sem muito sucesso. Escreveu livros sobre o Brasil e sempre atuou como acadêmico nas relações bilaterais com os Estados Unidos. Típico espécime da Guerra Fria, sua trajetória de vida é um lembrete de que o Brasil se insere na história global daquele período tanto pelo apoio americano a ditaduras quanto pela ambição voluntarista de uma modernização periférica de cunho conservador, mas liberal.

Paul Samuelson (1915-2009), o maior pós-keynesiano – *Carlos Eduardo Lins da Silva* – A morte levou Paul Samuelson, um dos dois mais influentes economistas da segunda metade do século XX, quando ele usufruía o momento histórico consagrador de ver suas ideias aplicadas por governos de quase todo o mundo, em resposta à grande crise financeira global de 2008. Considerado um discípulo do keynesianismo, Samuelson, no entanto, nunca adotou essa doutrina como dogma e a atualizou sucessivamente em seu trabalho teórico e prático, sem deixar de defender a essência de que, em situações de crise, o papel do Estado para estimular a economia é vital. Seu trabalho também exerceu poderosa influência em políticos e diplomatas que tiveram de lidar com o comércio internacional no período posterior à Segunda Guerra Mundial. O debate acadêmico que travou com Milton Friedman, seu amigo de décadas e o outro mais

importante pensador econômico dos últimos sessenta anos, é exemplar pelo alto nível e pela respeitosa cordialidade.

Rafael Caldera (1916-2009) e a democracia: memória política de um estadista latino-americano – *Rafael Duarte Villa* – Duas vezes presidente da Venezuela, um dos dois mais importantes líderes e formuladores teóricos da democracia-cristã na América Latina, Rafael Caldera foi um estadista cuja atuação transcendeu as fronteiras nacionais menos pela política externa que praticou (que, na verdade, foi tímida e se centrou especialmente na prioridade da integração física da região, em particular com o Brasil) do que pela disseminação de suas ideias, especificamente nos anos da Guerra Fria, em que elas buscavam obter uma síntese de justiça social com manutenção das liberdades políticas. Seu segundo período presidencial, já na última década do século XX, fracassou e corroeu sua legitimidade, embora a mística de arquiteto da democracia se tenha mantido.

Documentos

Discurso de aceitação do Prêmio Nobel da Paz – Pronunciamento de Barack Obama em Oslo na cerimônia de entrega do Nobel da Paz em Oslo, em 10 de dezembro de 2009.

Depoimento à Comissão de Relações Exteriores do Senado dos EUA – Pronunciamento de Arturo Valenzuela em audiência pública para confirmação de seu nome para o cargo de secretário de Estado adjunto para Assuntos do Hemisfério Ocidental em Washington, em 9 de julho de 2009.

Depoimento à Comissão de Relações Exteriores do Senado dos EUA – Pronunciamento de Thomas Shannon em audiência pública para confirmação de seu nome para o cargo de embaixador em Brasília em Washington, em 8 de julho de 2009.

Resenhas

Miguel Ozório de Almeida: um depoimento – Miguel Ozório de Almeida – Marcício Marques Moreira

O Barão de Rio Branco. Missão em Berlim -- 1901/1902 – Luiz Felipe de Seixas Corrêa -- Synesio Sampaio Goes Filho

A agenda internacional do Brasil– A política externa brasileira de FHC a Lula -- Amaury de Souza -- Maria Hermínia Tavares de Almeida

Comércio e canhoneiras: Estados Unidos e Brasil na era dos impérios (1889-1897)
-- Steven Topik -- Alvaro da Costa Franco

Brasil-Estados Unidos: desencontros e afinidades, com ensaio analítico de Andrew Hurrell -- Monica Hirst -- Clodoaldo Bueno

As duas Espanhas e o Brasil -- Tarcísio Costa -- Gilberto de Mello Kujawski

De Clinton a Obama: políticas dos Estados Unidos para a América Latina -- Luis Fernando Ayerbe (org.) -- Maria Helena Tachinardi

A politização dos direitos humanos -- Benoni Belli -- Paulo Sérgio Pinheiro

Raphael Lemkin and the struggle for the Genocide Convention -- John Cooper -- Cláudia Perrone-Moisés